

melhante á pedra de Ançã), lavrada ou desbastada toscamente, de 0<sup>m</sup>,60 × 0<sup>m</sup>,40, com a configuração indicada na fig. 5.<sup>a</sup>

Demolindo as paredes lateraes viu-se que eram formadas de uma grossa camada de barro, mais ou menos avermelhado, endurecido, como que calcinado. A parede do fundo, lado norte, a mais larga, era revestida interiormente de tijolos de grandes dimensões e pouca espessura:  $e = 0^m,39$ ,  $l = 0^m,25$ ,  $e = 0^m,05$  a  $0^m,10$ .

Em frente do arco menor (boca?), e que ficava do lado sul, encontrou-se o terreno misturado, em partes, com uma substancia negra, dando todos os indícios de ser cinza, ou antes, restos de carvão.

Á distancia de pouco mais de um metro, e em frente d'este arco, e na parte mais baixa, appareceu tambem um fragmento de um vaso (cantaro?) de barro avermelhado, e alguns pedaços de telha romana (?).

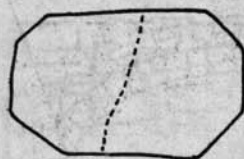


Fig. 5.<sup>a</sup>

Como esclarecimento acrescentarei o seguinte:

Fez-se este *descobrimento* em S. João do Campo, concelho de Coimbra. Á distancia de pouco mais de dois kilometros para o poente (freguesia de S. Silvestre) existe um pequeno monte chamado *Crasto*, onde em tempo appareceram algumas moedas romanas; a cinco kilometros para o norte fica a antiquissima villa de Ançã, junto de cuja admiravel fonte appareceram ha uns cincoenta annos vestigios de construcções romanas, e ainda ha tres annos se descobriram ali, em um quintal, restos de um pavimento de mosaico; finalmente, na mesma direcção, e a uns tres kilometros tambem appareceram, quando se cavava terra para plantar bacelo, haverá uns vinte e cinco annos, umas sepulturas bem exquisitas (de que dei noticia então na *Correspondencia de Coimbra*), e junto d'ellas fragmentos de telha romana.

S. João do Campo, Março de 1908.

A. A. CORTESÃO.

### Achados de moedas romanas

Dentro do espaço de seis meses, e a distancias de logar relativamente pequenas, pois foi em concelhos vizinhos, foram ha pouco encontrados tres depositos de moedas romanas, dos quaes vou dar noticia pela ordem segundo a qual esses achados chegaram ao meu conhecimento.

## I

## Em Santo Ovidio

O primeiro achado de que soube foi em 30 de Abril de 1907, no monte de S. Ovidio, na margem direita do Rio Lima, em frente á villa de Ponte de Lima.

Quando dois pedreiros rachavam um penedo dos muitos que cobrem a encosta do outeiro, e depois de ter tombado para o lado o quarteirão ou parte que de todo se despegou, acharam no chão, sobre que esta parte mal assentava, grande porção, talvez uns tres kilos, de pequenas moedas romanas, bronzes minimos, dos imperadores Constantino I, Constantino II, Constante, Constancio, Juliano, Valentiniano, Graciano, Valente, Theodosio, Arcadio e Honorio.

Os dois achadores dividiram entre si igualmente o achado, e grande parte de um dos lotes foi adquirida pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Manoel Oliveira, medico em Ponte de Lima, que classificou as moedas e verificou que cêrca de dois terços d'ellas eram illegiveis, o que é facil de comprehender, visto terem sido depositadas immediatamente na terra sem serem guardadas dentro de alguma vasilha que as protegesse da humidade.

As mais numerosas eram do imperador Constancio e o menos representado era Honorio.

O monte de S. Ovidio é um crasto, dos innumerados que abundam nesta região. Provam-no não só a sua configuração, mas tambem os abundantes fragmentos de telha romana de rebordo que nelle se encontram e a fama de que por ali teem apparecido outros objectos arcaicos<sup>1</sup>. O seu nome antigo era o de «monte de S. Miguel», cuja capella foi substituida pela de S. Ovidio, que no seu cimo alveja e se divisa até grande distancia ao longo da bacia do Lima.

<sup>1</sup> Na obra *Os Estrangeiros no Lima* (vol. 1, p. 217—Coimbra MDCCCLXXXV), cujo autor viveu pelas vizinhanças do monte de S. Ovidio, lê-se o seguinte:

«... pelo monte, em que ella (a capella de S. Ovidio) se edificou, se vião antigamente vestigios de fabricas, ou edificios Romanos, como diz o A. da Corographia Portuguesa, o qual tractando do sitio, em que está a casa e Morgado do Rego do Azar, junto do monte (que diz chamar-se do Azar por conta de huma batalha que alli se deo, em que os vencidos tiverão azar, ou infelicidade) continúa: «Achão-se por alli muitas sepulturas, e no alto do monte de S. Miguel (em que ha boa pedra para toda a obra) se vem vestigios de fortificação, a qual entendemos foi destruida com o vencimento desta batalha no tempo dos Romanos». Para confirmação deste sentimento do P. Carvalho acrescento eu, que ha poucos annos acharão huns pedreiros huma grande concavidade neste monte, e nella uma tâlha com muitos fragmentos de louça, e tijolos, e huma pedra de mesa lavrada com muitos feitiços, que tudo se julgou ser do tempo dos Romanos, ou Mouros».

## II

## No monte do Crasto, em Aboim das Choças

Dominando a freguesia de Aboim das Choças, no concelho dos Arcos de Valdevez, a 11 kilometros da villa d'este mesmo nome, á margem da estrada real que a liga á de Monção, ergue-se o monte chamado do *Crasto*, que se estende de norte a sul entre aquella freguesia, que lhe fica a nascente, e a de Eiras, a poente. Na extremidade sul do monte, um pouco para oeste, ha um pequeno logar, de poucos vizinhos, pertencente já a Eiras, chamado logar do Crasto.

Foi ao pé d'este logar que nos fins de Maio ou principios de Junho de 1907 uns pedreiros, que no monte arrancavam pedra, encontraram a pequena profundidade uma vasilha de barro que guardava, segundo a informação que me deram, cêrca de um quarto de alqueire, ou seja mais de quatro litros, de moedas romanas, tambem bronzes minimos. A primeira cousa que os achadores fizeram foi partir em mil bocados o inoffensivo recipiente das moedas, as quaes depois deram a varias pessoas, ou venderam a peso, a preço de seis vintens o kilo.

As moedas estavam relativamente bem conservadas, pois de cêrca de 250 que me foi permitido examinar, pude decifrar 213, que distribuo da seguinte forma:

Flavia Maximiana Theodora <sup>1</sup> .....	2
Flavia Julia Helena <sup>2</sup> .....	3
Constantino I.....	33
Constantino II.....	5
Constante.....	66
Constancio II.....	57
Juliano.....	17
Valentiniano I.....	4
Valente.....	7
Graciano.....	6
Magno Maximo.....	2
Theodosio.....	5
Arcadio.....	6
	213

Ha bastantes annos que no mesmo monte foi encontrado outro thesouro de moedas romanas da mesma epoca.

<sup>1</sup> Primeira mulher de Constancio Chloro.

<sup>2</sup> Segunda mulher de Constancio Chloro e mãe de Constantino Magno.

No Castro de Aboim das Choças, também chamado «de Eiras», embora a esta freguesia pertença apenas uma pequena parte da sua área, ainda se vêem, na parte mais elevada, alguns restos de casas circulares preromanas, e nas suas encostas e immediações teem-se encontrado abundantes fragmentos de cerâmica da mesma época e da época romana, mós manuaes, etc.

### III

#### Em S. Priz

O ultimo dos achados numismaticos de que tive noticia deu-se em S. Priz, freguesia do concelho de Ponte da Barca, situada na encosta occidental da montanha de Aboim da Nobrega. A igreja parochial de S. Priz fica a uma hora de caminho da villa da Barca e a distancia pouco menor do castello da Nobrega, que se ergue até a altitude de 775 metros. A poente da referida igreja, a cousa de trezentos metros, encontra-se um povoado chamado logar de Crasto, nome que lhe provém evidentemente de um outeiro contiguo, também a oeste, cuja configuração, juntamente com muitos pedaços de *tegulae* e de varia cerâmica vulgar nos castros, lanços de muro e vestigios de casas circulares, não deixa duvidas de que se trata effectivamente de um castro lusitano-romano.

Num dos sulcos abertos pelas rodas do carro de bois no caminho de servidão para uma devesa do mesmo outeiro, sulco que as aguas das chuvas vão mais e mais refundando, pôs-se a descoberto, em Dezembro de 1906, uma porção de moedas de prata do imperador Augusto, cujo numero andaria por oitenta. Algumas foram primeiro encontradas por um homem da freguesia á superficie da terra, e o dono do terreno, depois que isto soube, foi bulir a terra no sitio do achado e deu, sem grande trabalho, com as restantes, que eram a maior parte, encontrando ainda o fundo da vasilha em que tinham sido guardadas e que a roda do carro ao passar tinha pouco a pouco esmigalhado.

A maior parte das moedas foram vendidas em Braga nas ourivezarias, a 160 réis cada uma. Vi as restantes, poucô mais de uma duzia. São todas do mesmo typó, e as vendidas diz-se que eram iguaes. No anverso teem a cabeça de Augusto, com a seguinte legenda, que no original em algumas não tem pontos nem separação de palavras:

CAESAR AVGVSTVS DIVI F. PATER PATRIAE

R. Dois mancebos de pé, de frente um para o outro, no meio d'elles dois escudos e duas lanças, e no alto a *acerra* e o *lituus*. No exergo

C. L. CAESARES, e em volta AVGVSTI F. COS. DESIG. PRINC. IVVENT.

Segundo André Morell<sup>1</sup>, unico autor que pude consultar, os dois mancebos representados no reverso são os dois filhos de Augusto, Caio e Lucio, e a legenda deve completar-se d'esta forma:

C(*aius*) et L(*ucius*) CAESARES AVGVSTI F(*ili*) CO(n)S(*ules*) DESIG(*nati*) PRINC(*ipes*) IVVENT(*utis*).

P.<sup>o</sup> M. J. DA CUNHA BRITO.

### O Castello de S. Jorge

Todo o portuguez que se preza, tem sempre nos labios, como atenuante do que elle julga imperfeição, as sacramentaes palavras de que Portugal é pais *pequeno* e *pobre*. Não é todavia bem assim, porque se procedermos á comparação da nossa terra com paises de menor superficie, ou de menor população, ou ainda de menores receitas, encontraremos aqui exuberancia tão extraordinaria de instituições e de iniciativas destinadas a fins scientificos quer praticos quer especulativos, que se nos desperta a intuição de que a atenuante não passa de um dos muito espalhados logares communs que florescem, pelo menos, na parte occidental da peninsula. O estudo real (*sachliche*), o estudo de um objecto, ou de uma ideia, da sua historia, génese e desenvolvimento, é que é materia desconhecida e exotica<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Thesaurus numismatum Imperatorum Morellianus*, I, 309, n.ºs 31, 32 e 33. Amstelaedami, MDCCCLII.

<sup>2</sup> Em 1789, dizia José Anastasio de Figueiredo a respeito do prologo da *Synopsis chronologica* que era escrito «curando mais de cousas do que de palavras». Vejamos os orçamentos das nossas escolas, bibliotecas e archivos, e encontraremos as verbas do funcionalismo muito superiores ás de trabalhos de investigações e ás de aquisições. Outro tanto succede nos orçamentos da Marinha e da Guerra. Eis, portanto, com a apresentação d'estes exemplos, a confirmação de que para os portuguezes o individuo é de maior importancia do que a intelligencia; ou por outras palavras, em Portugal o sentimento inconsciente é superior á sciencia. Ao lado d'esta inversão do predominio dos dotes do espirito, encontramos tambem entre nós em logar da vontade a velleidade *pequena* e *pobre* a dirigir o individuo, e por isso não é maravilha a rapidez com que o descendente dos lusitanos passa do optimismo ao pessimismo, do erotismo ao ascetismo, conforme as disposições do momento.

D'este pantano, por mais poderosa que seja a intelligencia e por mais robusta que possa ser a vontade, a ninguem é permitido sair. O proprio Herculano, esse homem de nome romano, dotado da energia de um habitante do Lacio, que procurava galvanizar os seus patricios, não logrou fazer-se entender senão pelo brilho da phrase, o que quer dizer pelo sentimento. Foi elle o primeiro que des-